



Casamento de Glenda e Gabriel Pontes ganhou linda festa no Buffet Villa Reale

PAG. 4 e 5



Glenda Sampaio e Gabriel Pontes

Nascido no Maranhão, Léo Carvalho ultrapassa fronteiras e ecoa no Brasil e no exterior

PAG. 7

Divulgação/Herbert Alves



BELA
repórter que encanta na tela da TV Mirante, Geyce Wanda Gomes no centro de uma delicada decoração da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios para uma recente cerimônia de casamento

PAG. 3

Aproveitei o fim de semana para rereer A Cidade das Palavras (Companhia das Letras), livro que o argentino Alberto Manguel publicou sob um lúcido e instigante subtítulo: As histórias que contamos para saber quem somos.

Fui apresentado a Manguel quando o escritor José Sarney lançou no Centro Cultural Borges a edição em espanhol do seu belo romance O Dono do Mar. Alguns anos depois, participei de um almoço em Lisboa em homenagem a ele, organizado pelo saudoso escritor Vasco Graça Moura, que recepcionei em São Luís e do qual me tornei amigo, assim como outro monstro sagrado da Literatura e único escritor de língua portuguesa a ser laureado com o Prêmio Nobel de Literatura. Depois desse encontro, formou-se um grande oceano a nos separar entre os dois continentes.

O Centro Cultural Borges é um belo espaço de arte situado nas Galerias Pacífico (Viamonte 525, Buenos Aires), com exposições, teatro e oficinas inaugurado em 1995, para homenagear o escritor argentino Jorge Luis Borges, com atividades culturais gratuitas, cobrindo 10.000 m². Há também a Fundación Internacional Jorge Luis Borges, que funciona na antiga casa do autor.

Pois bem, decidi comentar a releitura de A Cidade das Palavras neste espaço porque, lá pelas tantas, dei de cara com um parágrafo que quase me derrubou da cadeira:

SÓ NA ARTE

encontraremos as tais histórias que contamos para saber quem somos

“Chegamos ao mundo como criaturas inteligentes, curiosas e ávidas de instrução. É preciso tempo e esforço imensos, em termos individuais e coletivos, para embotar e por fim sufocar nossas faculdades intelectuais e estéticas, nossa percepção criativa e nosso uso da linguagem.”

Vale repetir em vulgar: é preciso empenho por parte dos interessados – igrejas, meios de comunicação, partidos políticos – para atrofiar a nossa predisposição ao aprendizado e nos transformar em idiotas!

Não se trata, é claro, de nenhuma novidade argumentativa, mas as palavras de Manguel, formuladas com uma clareza desconcertante, têm o poder de elevar a nossa percepção sobre os “mecanismos emburrecedores” que, de tão presentes no cotidiano, tornam-se invisíveis aos nossos olhos. É

mais ou menos como o mito da caverna de Platão. Acostumados que estamos a apreciar as sombras projetadas nas paredes, não temos coragem ou condições de olhar para o outro lado, para a luz, e enxergar as coisas como de fato são.

Mas vamos falar de forma mais objetiva. Que mecanismos emburrecedores seriam esses a que me refiro? Considerando que Manguel aborda o problema a partir da criatividade estética, parece válido frisar que todos esses mecanismos provêm do uso utilitário da linguagem. São as prédicas dogmáticas dos religiosos, a estética superficial dos slogans publicitários e especialmente a demagogia recheada de clichês que emana dos porta-vozes de todo e qualquer governo.

Quando um discurso oferece certeza em vez de ponderações e consolo em vez de reflexão, é me-

lhor desconfiar antes de cair de joelhos e dizer amém. Exemplos: para encontrar a salvação em Cristo, você precisa aceitar a verdadeira palavra sem questionamentos; para que o sonho de ser especial se realize conforme a propaganda na TV, é necessário comprar mercadorias de que não precisamos para viver; e para, enfim, que você se sinta membro de um país em ascensão, há a obrigatoriedade de aplaudir os discursos oficiais, mesmo que eles criem uma realidade diversa daquela que conhecemos através da experiência.

São trocas unilaterais, sem margem para mediações. Se você não aceita a verdade das religiões, o máximo que merece é ser lembrado nas orações dos justos. Se está fora da linha de consumo, sequer existirá perante o mundo. E se não aplaude a cantilena do poder, será chamado de elitista e preconceituoso.

Ainda que Manguel não fale em salvação, fica evidente que ele acredita que o nosso “vício” de contar e ouvir histórias seja uma resposta adequada à ação endêmica dos mecanismos emburrecedores acima referendados. Mas não qualquer tipo de história, não as que totem o espaço da dúvida e da ambiguidade (isso a religião, a publicidade e a política já fazem a contento), e sim as que se encontram na boa literatura, no cinema de proposta, na música e na poesia de maior inspiração.

Na Arte, enfim. Ali, e só ali, encontraremos as tais histórias que contamos para saber quem somos.



Benício no restaurante temático Beco Hexagonal, em SP, inspirado na série do Harry Potter

BRINCANDO NO FERIADÃO

São Paulo oferece diversas opções de parques de diversão, desde grandes complexos temáticos no interior até opções indoor nos shoppings.

A cidade de Campos do Jordão oferece parques de diversão e aventura focados em natureza, ideais para famílias.

As atrações variam entre esportes radicais e passeios contemplativos.

Marcella e Thallisson Vilhena aproveitaram o feriadão e levaram os filhos Leonardo e Benício para incursionar nesses atrativos que deixam as crianças extasiadas de tanta beleza e diversão.



A família reunida na Cafeteria Cacau de Campos de Jordão



Leonardo e Benício na Vila Capivara em Campos de Jordão



Benício no Iceland - casa de gelo em Campos de Jordão



Benício no Dreamland Museu de Cera em Campos de Jordão



Marcella e Leonardo no trenó de montanha em Campos de Jordão



Benício e Leonardo com Bob Esponja, no Beco Hexagonal inspirado na série do Harry Potter



Leonardo com o ídolo Pelé no Dreamland Museu de Cera

Fotos/Divulgação

ARTES PLÁSTICAS

Arquivo



O CÃO E O NADA

Podemos intuir o que pensam ou sentem os bichos por expressões, comportamentos, sinais. Mas o que realmente se passa na cabeça deles?

Uma das mais impressionantes e enigmáticas obras-primas da arte ocidental é a representação de um cachorro. Não é nem um cão inteiro, apenas sua cabeça. Assinada por Francisco de Goya y Lucientes (1746 - 1828), *El Perro* é uma enorme pintura vertical que mostra apenas a cabeça de um cachorro em perfil, olhando para o alto, desprovido de corpo, oculto atrás talvez de um terreno em alicive ou submergindo na areia – Charles Yriarte, um especialista no mestre espanhol, chamava o trabalho de *Um Cão Lutando Contra a Corrente*. Acima da cabeça, ocupando cerca de 80% da tela, apenas um fundo indistinto, formado por manchas em tons de ocre e dourado, como que à espera de outras figuras, algum motivo extra, um ornamento ou paisagem. Não há mais nada, porém.

O Cão é um dos 14 murais conhecidos como *Pinturas Negras*, expostos atualmente no Museu do Prado, em Madri (a observação não é deste Repórter, mas do escritor Roger Lerina). Em 1824, nos dois pavimentos da quinta onde morou no fim da vida, nas cercanias da capital espanhola, Goya pintou nas paredes de um par de salas episódios inspirados em relatos bíblicos e na

mitologia clássica, cenas e eventos religiosos e populares, alegorias terríveis sobre a condição humana.

O desfile de imagens sombrias e até grotescas mergulha o observador em um ambiente malsão, povoado de indefiníveis ameaças e medos primitivos, infectados de feitiçaria e brutalidade, que adensam ainda mais a visão negativa do mundo que o artista cultivou na maturidade – O sono da razão produz monstros, já avisava em uma das gravuras da série *Caprichos* (1799).

No meio dessas visões de horror, o doguinho estica o pescoço para cima. O que Goya quis expressar com essa pintura ao mesmo tempo tão rarefeita e potente, considerada por especialistas como um marco inaugural da modernidade? O Cão é, sem dúvida, uma figura do abandono. No entanto, também pode ser entendido como alegoria de tudo o que resiste ao soçobramento inescapável, incentivo àqueles que insistem em estirar o nariz em busca do ar puro que paira sobre a fetidez do mundo, erguendo a vista para o alto a fim de enxergar acima da espuma dos dias – como Oscar Wilde em seu aforisma: “Estamos todos na sarjeta, mas alguns de nós estão olhando para as estrelas”.

Homem que lutava contra as sombras ao seu redor, Goya conseguiu iluminar seus quadros mesmo usando as tintas mais trevas.

INVASÃO URBANA

Tivemos muitos estadistas não sintonizados com a busca pura e simples do butim. O primeiro Andrada, por exemplo, o patriarca da Independência, que impediu a venda, para a Inglaterra, da Ilha de Santa Catarina (imaginem o negócio que isso significava, e a comissão!). Ou Dom Pedro II, que era rigoroso com as contas da Corte e ainda encontrava margem para financiar inúmeras carreiras artísticas e científicas.

Tivemos Frei Caneca, representante da Bahia nas Cortes Portuguesas, o próprio Tiradentes, que não estava envolvido na sedição só para assaltar o Tesouro. Ou Julio de Castilhos, morto aos 32 anos, estadista ferrenho e duro, inspiração para muitos outros.

Reviraram a vida de Brizola depois de 1964 e não encontraram nada, mas como a raiva era muita o perseguiram pelo pedaço de terra da família, vendida no Brasil e recuperada numa porção equivalente no Uruguai.

Tivemos Caxias, que impediu a retaliação do território nacional, ou Floriano Peixoto, que receberia os ingleses, que quisessem invadir o Rio, “à bala”. E tivemos tantos outros, como Franco Montoro e Mario Covas, modelos paulistas, Miguel Arraes, sertanejo exilado e reto, Getúlio, que ao vencer as eleições presidenciais em 1950 pediu dinheiro emprestado para comprar um terno para a posse.

Mas o que vemos, principalmente para quem já completou sete décadas de vida como os da minha geração, é gente enriquecendo sob os auspícios da Pátria. Vendem a nação e entregam. Reencontrei professorzinhos universitários que pipocavam o cano de escapamentos de suas velhas Variants vestindo depois ternos vultuosos e com a boca distorcida por uma espécie explícita de gozo e prazer, sendo recebidos com pompa, investidos em cargos onde manobravam milhões. Vi mentiroso(a)s pago(a)s por comunidades profissionais de perseguidos inventarem monumentais e ferrenhas calúnias sobre nossos estadistas

probos, enquanto é visível a diferença entre a pobreza das suas instalações na universidade e as mansões que compraram com o dinheiro público.

Vi coadjuvantes da História sendo guindados a protagonistas. Escritores sem muito brilho virarem estrelas, enquanto gênios afundavam na obscuridade. Notei como se faz: basta se enturmar em algum grupo que disputa o poder, ou servir de insumo para suas ações (mesmo, às vezes, à revelia, como acontece com os que morreram) e pronto. É só esperar algum tempo e o prêmio vem. Colocações, cargos, verbas, sem esquecer jamais o patrimônio, a vida pregressa humilde, e o cacife, a agremiação que esquenta as costas. As operações são casadas: você finge independência, mas está garantido na hora de alardear suas obras ou feitos. Trouxas somos nós, os amadores da política, que defendemos a liberdade enquanto perdemos cada vez mais a liquidez para a sobrevivência.

Para “vencer”, é preciso se entregar não para uma causa, mas para a formatação planejada, política e bem cacificada de uma causa. Não importa qual lugar você ocupa nos sítios ideológicos: o importante é estar preparado para o butim, a roda da fortuna. É lá que a coruja pia, o gato mia, a girafa voa e o gogó da ema vibra.

Sob o escudo da ética, use a Pátria à vontade, que ela sabe ser generosa quando você se alista na linhagem certa. E fique firme quando for pego em flagrante, pois sempre tem um jeito de escapar. Você fica um tempo de molho, o Supremo dá um jeito e você volta com o mesmo sorriso apertado, os olhinhos de cobra e o discurso na ponta da língua.

No dia 21 de abril lembrei dos estadistas que se foram. Como sou livre pensador, e isso jamais deverá, no meu entender, virar uma nova máfia, fiz um dia um poema quando o Bandeira Tribuzi morreu.

Tudo em nome da poesia e do sonho.



Fotos/Divulgação

O GRUPO de amigas que se reúne toda semana para colocar as conversas em dia nunca deixa de comemorar os aniversários delas. A data não importa. O que vale é o carinho e a amizade demonstrados nesses encontros festivos. Na semana passada, foi a vez de Ana Lúcia Bernardes de Albuquerque, que mudou de idade na última quinzena de fevereiro, mas só agora todas as amigas do grupo se reuniram para o tradicional "parabéns pra você" com direito a bolo confeitado e sopro de velas



Maria Luiza Miranda e Ana Lucia Albuquerque com Cida Valadão e Flávia Araújo Ferraz



Melina Sereno Fernandes e Ana Lúcia Albuquerque com Thatiana Bandeira e Kátia Rocha

A tradição do Judas

Dá trabalho ser Judas. E fazer também. Nos dias que antecederam o Sábado de Aleluia, a confecção de bonecos se intensificou para atender à demanda. Hoje, nos principais bairros da cidade, é fácil encontrar os bonecos pendurados em postes. E para completar a tradição é feita a leitura do testamento e, por fim, a queima do personagem.

A tradição de queimar o Judas é de origem portuguesa. Após uma pesada sexta-feira de

reclusão, já no sábado de manhã adultos e crianças preparavam o espaço para a malhação. As ruas se enchiam de meninos batendo painéis e cantando: "Aleluia, aleluia; comida no prato, farinha na cuia".

A noite era o momento da queima. De início, os bonecos eram feitos apenas de pano ou palha, mas hoje levam fios de aço, madeira, garrafas pet. Independentemente do material, eles representam,

na malhação, a eliminação do mal, do traidor. Hoje a tradição, no Brasil, é mais forte nas pequenas cidades.

Embora a tradição seja portuguesa, é brasileira a invenção do Testamento do Judas, lido durante o seu julgamento. O escrito, em geral, é uma sátira a pessoas e acontecimentos locais, fica no bolso do boneco e alguém lê. Nas pequenas cidades do interior, a leitura costuma terminar em pancadaria.

Recortes de viagem

Pessoas idosas tornam-se muito religiosas porque a soma das perdas ultrapassa a capacidade de suportar. Não há vida que caiba em tanta dor. A fé providencia o espaço necessário para continuar andando.

Mas a fé só se segura com o estudo da doutrina. Repetir orações e hábitos pode devolver os mais antigos ao ceticismo da mocidade. Ouvir o sacerdote preparado, ler sobre os mistérios fazem do conhecimento um antídoto contra os falsos profetas e os neo milionários da auto ajuda, que exploram a fé coletiva sem as bases que sustentam a religiosidade.

A Bíblia traduzida para o idioma falado por todos ajudou a construir uma civilização. A ética da espiritualidade iluminou o Direito e disciplinou a cidadania, segundo a visão weberiana da América. Em outras nações o peso da palavra revelada engessou sociedades e governos. E gerou alternativas que disseminam o obscurantismo.

O Apocalipse é presente em qualquer tempo. O medo desperta a busca da transcendência. Todo esforço de soterrar as religiões esbarra na vida humana datada. A utopia do materialismo é sempre vencida pela realidade do sagrado.

Leva-se uma vida para abraçar o reforço da religiosidade. Costuma acontecer quando, longevos, enxergamos melhor o que a existência nos reserva.



Fotos/Divulgação

A caminho de Milão (Itália), onde participa da maior feira de móveis do mundo, a designer Cintia Klamt Motta fez pit stop em São Paulo e, juntamente com a filha Bianca Klamt, que também está em Milão, jantaram com a Ministra dos Povos Indígenas, a maranhense Sônia Guajajara, e Alex Allard, fundador do Cidade Matarazzo e do Hotel Rosewood, na capital paulista

Empreendedorismo feminino

A busca de um número maior de mulheres por prosperar por conta própria é um sinal de amadurecimento da sociedade brasileira

Salta aos olhos o crescimento do empreendedorismo feminino no país nos últimos anos. Em São Luís, a Associação Comercial do Maranhão e a Fecomércio-MA, mostram um avanço significativo na quantidade de mulheres à frente de novos negócios nesta Capital, um movimento em linha com os dados nacionais. Neste ano, elas foram responsáveis por mais de 44% dos novos CNPJs abertos. No ano passado, a participação ficou pouco acima de 34%.

É inequívoco e irrefreável o ganho de terreno feminino no mercado de trabalho, na iniciativa de criar os próprios negócios e em posições de liderança corporativa. A busca de um número maior de mulheres por prosperar por conta própria é um sinal de amadurecimento de nossa sociedade, ainda que persistam iniquidades de gênero e barreiras culturais.

Significa novos passos na direção civilizatória da autonomia feminina no mundo do trabalho, com protagonismo e liderança.

Empreendedorismo feminino...2

Todo empreendedor no Maranhão, a exemplo do que está ocorrendo em todo o país, enfrenta percalços como burocracia e dificuldade para acesso a crédito apropriado, entre outros. As mulheres têm a carga adicional do machismo, que ainda existe, além do desafio de conciliar a dedicação profissional com a vida familiar.

Os números são eloquentes. Indicam que, a despeito dos obstáculos, o empreendedorismo feminino é uma força emergente no país, com o Maranhão puxando a tendência. Há outras evidências promissoras. Entre elas, a que mostra um avanço na escolaridade das empreendedoras. É um indicativo de maior preparo para montar um negócio.

Possivelmente também aponta para um maior número de empresas que nascem com planejamento, a partir de uma oportunidade de mercado identificada, e não por necessidade.

Empreendedorismo feminino...3

Isso significa maiores chances de sobrevivência e de a atividade progredir – gerar mais empregos e renda, colaborar para o crescimento da economia e servir de exemplo.

No final de março, o Sebrae informou que o surgimento de negócios capitaneados por mulheres bateu recorde no país no ano passado. Foram registrados 4,96 milhões de novas micro e pequenas empresas e microempreendedores individuais (MEIs).

Desse total, 2 milhões por iniciativa feminina – em torno de quatro em cada 10. O número é 320 mil superior a 2024.

Empreendedorismo feminino...4

O Maranhão, reconhecido pela veia empreendedora da população, se destaca. Tem uma grande participação de mulheres na abertura de pequenas empresas e de MEIs.

Em um recorte temporal maior, a ascensão feminina fica mais evidente.

Em 2015, o país tinha 8,2 milhões de donas de negócios. Ao final do ano passado, o número chegou a 10,4 milhões.

O crescimento de 27% no período é 16 pontos percentuais superior ao verificado entre os homens.

Empreendedorismo feminino...5

Outro achado que desperta atenção é o da escolaridade. De 2012 a 2025, o percentual de empreendedoras com ao menos Ensino Superior incompleto subiu 18,6 pontos percentuais. O nível de instrução feminino, no geral, é superior ao masculino. Ainda há um caminho longo a trilhar e distorções a corrigir, como o salário mais baixo em relação aos homens para igual função e esforços dobrados para provar ter a mesma competência.

Mas é inequívoco e irrefreável o ganho de terreno feminino no mercado de trabalho, na iniciativa de criar os próprios negócios e em posições de liderança corporativa.



Bandiera Tribuzzi no Centro Histórico de São Luís

O que dá sentido e encanto à vida

Eduardo Galeano, o grande escritor uruguaio – que nos anos 1970 participou com este Repórter PH de um sarau literário na casa de Dona Mafalda, viúva do escritor Érico Veríssimo, em Porto Alegre –, disse, certa vez, numa de nossas poucas conversas, que a página em branco (no papel ou na tela do computador) ainda lhe causava terror.

Luiz Fernando Veríssimo, filho de Érico e que partiu para a eternidade em agosto do ano passado, tinha uma explicação igualmente desconcertante para o seu incomparável talento de escritor e cronista. Ele me disse, durante o sarau na casa de seu pai, que sua inspiração era o pânico – o pânico do prazo de entrega dos textos que assinava em jornais e revistas.

Sempre que enfrento essas duas situações, a página em branco e o horário de fechamento deste caderno, penso nesses saudosos monstros sagrados da escrita e nas suas curiosas confissões.

O que dá sentido e encanto à vida...2

Mas quem realmente me estimula a seguir em frente são os leitores anônimos que enchem o meu correio eletrônico de comentários sobre o que escrevo. Alguns, favoráveis. Outros, nem tanto.

Galeano pouco – ou quase nada – sabia da minha existência, Veríssimo talvez até se lembrasse de que conversamos algumas vezes – uma delas, quando ficamos deslumbrados com o espetáculo do Boi Bumbá, em Parintins, no Amazonas, na companhia de Zuenir Ventura e Joãozinho Trinta.

Mas não são poucos os leitores anônimos que transitam com desenvoltura pelo mundo das palavras e chegam a ministrar verdadeiras oficinas de texto e que sempre encontram tempo para ler o que escrevo e para me mandar uma mensagem de carinho e incentivo.

Generosos, eles pinçam uma expressão ou um parágrafo menos rotineiro e disparam e-mails açucarados de simpatia. Escrever – concluo por experiência própria – também é uma questão de autoestima.

O que dá sentido e encanto à vida...3

Outro dia li um interessante artigo de um professor de filosofia sobre o sofrimento dos torcedores de futebol. Quando seu time perde, ele conta, fica pouco produtivo, foge-lhe a inspiração, custa a se recuperar.

Parece exagero, mas a frustração de uma expectativa, por menor que seja, tem o poder de nos abater. Somos assim, movidos a motivação. Uma reprimenda estraga o nosso dia. Um elogio nos eleva o espírito e nos faz ver a vida com olhos de crença e esperança.

Só não podemos nos deixar enganar: muitas vezes a crítica é mais importante do que o elogio. Sem qualquer desconsideração às gentilezas de meus leitores e amigos, sempre aprendi mais com as críticas do que com eventuais louvações.

Fico, evidentemente, envaidecido com o carinho de suas mensagens. Mas elas servem, acima de tudo, para me lembrar que um sorriso, uma palavra gentil, um elogio sincero, um gesto de atenção, todas essas coisas simples, têm o poder de dar sentido e encanto à vida.



A noiva Glenda com sua mãe Georgina Guimarães



O noivo Gabriel com sua mãe Karla Sabag



Os noivos com o padre Augusto



Os noivos diante do altar

CASAMENTO COM A ELEGÂNCIA DESTES NOVOS TEMPOS

Uma coisa é certa: O amor é epidêmico. Contra ele, ainda não descobriram a vacina. Pega no ar, no olhar, no contato físico, na troca de fluidos, contagia sempre e de qualquer forma. O amor desafia qualquer sistema imunológico, desafia a penicilina, os bons conselhos, o juízo. O amor arrebatava e comanda. Desmanda e manda. O amor está no ar.

Foi com essa atmosfera o casamento de Glenda Sampaio e Gabriel Pontes, na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, seguido de bela recepção no Buffet Villa Reale, atualmente um dos

espaços mais disputados pelos jovens para suas festas de casamento.

Aplausos para o competente cerimonial da Oficina de Eventos, para o bonito bolo assinado por Fernanda Moreno, pata a linda decoração do Ateliê de Ideias e para a música do Grupo Argumento.

Gabriel, com um sorriso apaixonado e olhando nos olhos de Glenda, reafirmou com ela, junto ao celebrante, Padre Augusto, e perante a todos os convidados, como é grande o amor que um sente pelo outro.



O noivo beija a testa da noiva



Os noivos brindam de champagne



Neire Vanda Gomes Silva, a mãe da noiva Georgina Guimarães e Nazaré e Francisco Lima



A noiva com a mãe e a avó materna



Os noivos com Júnior Borges e família



Georgina Guimarães com a filha e o marido



Os noivos com Alexandre e Shirley Buarque



A família Sampaio com os noivos



Os noivos com o pai Isnard Junior Pontes, a mãe Karla Sabag e o



Os noivos entre Sergio Adriany e Nara Keila



Geovanne e Adriana Guimarães com os filhos



Lucas Vieira e Nara Greice



Os noivos com Jurandy e Mary Carvalho



Rafael e Juliana Buarque com os noivos



Os noivos com Raimundo Borges e Cinelândia (ele, irmão do pai do noivo, veio de Brasília)

Fotos/Divulgação/Matheus Marques



A repórter da TV Mirante Gleice Wanda Gomes



A noiva com um grupo de belas amigas da noiva



A noiva ao lado do bolo de casamento



Faelly Cutrim



Julia Pontes e Gustavo Vieira



Beijo dos noivos em frente ao altar



Onilde Gomes entre Olavo Sampaio e Flávia



O noivo com a mãe rumo ao altar



Rebecca Daquech



A noiva com a mãe, a sogra e a avó materna



Débora, Rhanna e Tássia (amigas da noiva)



Jéssica Martins



Bella Sena



Henrique Pontes e Isadora Mendonça



A noiva Glenda com Neiry Vanda, a avó Onilde e Nazarezinha



Camilla Barbosa



Anderson e Maria Mourão



Ana Vitória Magno



Família materna do noivo



Mariana Guimarães

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Alcindo Costa e Amélia Léda com um grupo de amigos



Maria Leônia e a filha Manuella entre Jacira e Joaquim Haickel

O BLUE TREE SÃO LUÍS ENTROU NA DANÇA

Um projeto que deu certo no Blue Tree Hotel São Luís: o jantar dançante que acontece uma vez por mês, por inspiração da diretora geral Jacira Haickel.

Quem gosta de dançar e deseja os embalos românticos para matar saudade dos bons velhos tempos conta com esse evento animado pela Orquestra Calhau Jazz, que é uma oportunidade imperdível para fazer volteios na pista de dança.

A mais recente edição, na semana passada, foi sucesso total, com muita gente badalada pontificando em grande estilo.



Jussara Nogueira e Alexandre Falcão



Déia e Luiz Campos Paes



Alexandre Falcão e Jussara Nogueira, Joaquim Haickel e Jacira, Beth e José Jorge Leite Soares



Thatiana e César Bandeira



Flávia e Nilson Ferraz



Maria e Túlio Rodrigues



Jânia e Jorge Rachid



Leopoldo Moraes Rêgo e Ruth com Roberto Albuquerque e Alcindo Costa e Amélia Léda



Raimundo Menezes e Tetê



Ana Lúcia e Amaro Santana Leite



Thatiana Bandeira, Ruth Moraes Rêgo Flávia Araújo Ferraz



Virgínia e Roberto Albuquerque



Jacira e Joaquim Haickel



Leopoldo Moraes Rêgo e Ruth



Beth e José Jorge Leite Soares



Léo Carvalho na torre Eiffel de Paris



Léo Carvalho e cantora Manu Bahtidão

LEO CARVALHO: UM ARTISTA MARANHENSE ENTRE A FÉ, A MÚSICA E A PERSISTÊNCIA

Nascido em 1995, na cidade de Coelho Neto, Maranhão, Léo Carvalho é um daqueles talentos que carregam nas veias a força do Nordeste e no coração a fé que move montanhas. Filho de família simples, cresceu cercado de afeto, humildade e uma esperança enorme, que sempre falou mais alto do que qualquer dificuldade.

Ainda menino, acompanhava a mãe nas reuniões da Congregação Cristã no Brasil. Foi ali, no silêncio reverente da igreja, entre hinários e bancos simples, que a música encontrou Léo. Aos 9 anos, iniciou seus estudos no violino – um instrumento que abriu a porta para um mundo que ele nem imaginava que faria parte um dia.

A música não era só som. Era identidade. Na adolescência, Léo equilibrava duas paixões: o futebol e a música. Jogava bola nas ruas de Coelho Neto e cantava em barzinhos. Enquanto o pessoal tocava pagode, ele misturava sertanejo e criava um estilo único, natural, seu. Mas o sonho mexeu fundo. Aos 15 anos, tomou uma das decisões mais difíceis da vida: deixou os pais chorando na porta de casa e foi para o Rio de Janeiro tentar a vida como jogador. A família não tinha muito, mas tinha o essencial: confiança no menino sonhador.

Depois de um ano no Rio, Léo percebeu que o futebol não pulsava como a música. Foi morar com a tia, passou a cantar em barzinhos, a tocar violão e a compor sozinho, madrugada após madrugada, numa kitnet simples cujo aluguel era pago por Márcia – amiga que acreditou nele quando quase ninguém acreditava.

O quarto vivia cheio de folhas amassadas, letras rabiscadas e melodias inacabadas. A primeira música vendida foi “Rosas Brancas”, e Léo sequer sabia que compor dava dinheiro. Ele fazia por amor.

Cantava cinco horas por R\$ 50 – e nunca reclamou. Sabia que cada barzinho era um tijolo na construção do futuro.

Do Rio, foi para Goiânia. Viveu momentos difíceis, contou com a ajuda de amigos, dividiu quartos, recebeu comida, enfrentou incertezas – mas nunca abandonou a composição.

Entre os amigos que estenderam a mão, dois nomes foram fundamentais: Victor Ramos, jogador que o apoiou em momentos críticos; Elkesson Coterranêo e Eliwilson, sendo Eliwilson responsável por pagar dois anos de aluguel para Léo – gesto que ele nunca esqueceu.

Léo assinou contrato como compositor com a Warner Chappell, onde passou três anos. O valor era pequeno, mas o aprendizado foi gigante.

Depois, seguiu para Salvador e, mais uma vez, as portas se abriram através da música.

Ao retornar para Goiânia, reencontrou amigos compositores e passou a trabalhar ao lado do cantor Thierry, um artista que sempre admirou. Também recebeu apoio do produtor Matheus Kennedy, que enxergou em Léo um talento que muitos ainda não viam.

E então vieram os primeiros sucessos: Primeiras grandes músicas gravadas: “Áudio que Te Entrega” – Léo Santana (depois de 3 anos

enviando composições até ser finalmente ouvido); “Pelado” – Natan. A partir dali, o menino de Coelho Neto entrou definitivamente no jogo grande.

Léo Carvalho tem músicas gravadas por grandes nomes da música brasileira: Zezé Di Camargo, Manu Bahtidão, Thierry, Desejo de Menina, Mary Fernandez, Natanzinho Lima, Wesley Safadão, Xand Avião, Zé Vaqueiro, Leo Foguete, MC Don Juan, MC Rian, MC Daniel e muitos outros.

Entre os sucessos assinados por ele estão: Pelado, Áudio que Te Entrega, Vitamina C, Cama Repetida, Zezé da Recaída, Me Apaixonei Nessa Morena, Vinho Branco.

Grande parte das músicas da banda Seu Desejo também são de autoria dele, incluindo: Adeus Aquele Amor, Não Sou Dessas, Nua.

O reconhecimento nacional veio com o Prêmio Multishow 2025.

Um marco especial da carreira recente de Léo é o sucesso “Me Apaixonei Nessa Morena”, gravado por Natanzinho Lima. A música, que conquistou o país, alcançou um patamar histórico: foi indicada ao Prêmio Multishow 2025, concorrendo na categoria Arrocha do Ano. Mais uma prova de que o talento de Léo ultrapassa fronteiras e ecoa nacionalmente.

Léo também realizou o sonho de acertar no pagode com o hit “Vitamina C”, parceria com Suel (Menos é Mais). E as conquistas não param por aí...

A cantora Manu Bahtidão, que atualmente está brilhando na Globo e concorrendo para vencer o Dança dos Famosos, fez um convite especial ao maranhense: gravar uma música ao lado dela dessa vez como artista, e não apenas como compositor.

A faixa, intitulada “Solinho Inglês”, será lançada em breve e promete ser mais um grande passo na carreira de Léo, que agora começa a mostrar ao Brasil não só sua caneta, mas também a sua voz.

Mais um capítulo emocionante na trajetória de um talento que saiu do Maranhão para conquistar o país inteiro.

A próxima música do “Less is More”, a banda mais tocada dos últimos tempos, vem com mais uma canção escrita por Léo Carvalho, intitulada “Champanhe”, que promete ser a música da Copa.

No DVD da artista Manu Bahtidão na Vira Lobos, em São Paulo, Léo participou de mais uma faixa sua: “Solinho em Inglês”, de sua autoria, que está chegando a 1 milhão de streams nas plataformas digitais.

Léo também está lançando um EP bem romântico, com 4 faixas inéditas, todas escritas por ele, e em 2025 participou do Prêmio Multishow, ao ter sua música “Me Apaixonei nessa Morena” gravada por Nattan Lima, indicada para categoria Melhor Arrocha do ano.

Hoje, Léo Carvalho vive em São Paulo, dedicado intensamente à carreira de cantor e compositor, realizando shows, compondo, gravando e vivendo aquilo que sonhava e começou dentro de uma igreja simples no Maranhão, quando era apenas um menino segurando um violino.

A sua história é uma só: fé, persistência, lealdade, talento e uma força teimosa que não aceita desistir, pois tem muitos sonhos e conquistas ainda para se realizar.



Léo entre sonhos e amizades verdadeiras



Léo Carvalho compondo uma nova música

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

_evandrojr

@evandrojr



A empresária Jacira Haickel, embaixadora da On Cells, marca de suplementação e nutracêuticos voltada para elevar a saúde, o bem-estar e a vitalidade de quem quer viver mais e melhor, celebra a chegada dos produtos da linha clean label nas lojas Spazio Mateus do São Luís Shopping e do Olho d'Água e nas unidades da rede localizadas na Cohama e no Renascença. Para Jacira, esse feito mostra o amadurecimento do mercado maranhense na cultura de saúde e qualidade



Membros da Comissão Organizadora da I Corrida Corpus Christi: Padre Antônio José, Gustavo Almeida, o arcebispo de São Luís, Dom Gilberto Pastana, Kécio Rabelo e Guilherme Palácio

CORRIDA CORPUS CHRISTI TERÁ PRIMEIRA EDIÇÃO NA AVENIDA LITORÂNEA

Em sintonia com o crescimento da prática das corridas de rua e a busca por mais qualidade de vida, a Arquidiocese de São Luís decidiu integrar ao calendário de celebrações de Corpus Christi deste ano um momento de espiritualidade aliado à prática esportiva.

No próximo dia 3 de maio, a cidade recebe a primeira edição da Corrida Corpus Christi, evento que abre oficialmente o calendário das celebrações religiosas, com largada marcada para as

6h, na Avenida Litorânea, um dos principais cartões-postais da cidade.

A expectativa é reunir cerca de 2 mil participantes, entre atletas experientes, corredores amadores, famílias e católicos ligados à Igreja.

Com percursos de 5 km, 10 km e caminhada livre, a prova foi pensada para ser inclusiva, atendendo desde iniciantes até corredores mais competitivos. A proposta, no entanto, vai além do desempenho esportivo.

FELIPE FERNANDES FALA SOBRE CONSTRUÇÃO DE PATRIMÔNIO



O maior erro não está em começar tarde, mas em interromper o processo antes de seus efeitos se tornem mais perceptíveis", diz Felipe Fernandes

Aprender a investir não se trata apenas de acumular recursos, mas de construir uma base que permita maior tranquilidade ao longo do tempo, especialmente em fases em que a capacidade de produção já não será a mesma. A frase é do consultor maranhense Felipe Fernandes, engenheiro formado pela Universidade de São Paulo e CEO da RendMais Invest.

Ainda assim, segundo ele, muitas pessoas abordam o tema com uma expectativa equivocada. Vivemos em uma época em que histórias de sucesso acelerado são amplamente divulgadas, o que contribui para a percepção de que enriquecer deveria ser um processo rápido.

No entanto, a realidade mostra que a construção de patrimônio relevante costuma ocorrer ao longo de décadas, da mesma forma que empresas sólidas levam anos para se consolidar e amadurecer. Esse processo gradual, por vezes, gera frustração nos estágios iniciais.

Nos primeiros anos, os resultados tendem a ser discretos, e a evolução pode parecer lenta ou até imperceptível. Essa sensação, no entanto, não reflete a realidade do que está sendo construído.

Uma analogia frequentemente utilizada para ilustrar esse comportamento, conforme ele, é a do crescimento do bambu japonês. Durante um longo período,

praticamente não há crescimento visível acima do solo, enquanto, abaixo da superfície, forma-se um sistema de raízes profundo e resistente. Somente após essa fase inicial é que o crescimento se torna acelerado e evidente.

Com os investimentos, diz Felipe Fernandes, ocorre algo semelhante. Nos primeiros anos, o progresso tende a ser mais lento, mas, com consistência e tempo, o crescimento deixa de ser linear e passa a ganhar intensidade. Esse é o efeito dos juros compostos, que transforma disciplina e paciência em resultados cada vez mais relevantes ao longo do tempo.

Por isso, o maior erro, de acordo com o CEO da RendMais Invest, não está em começar tarde, mas em interromper o processo antes de seus efeitos se tornem mais perceptíveis. A construção de patrimônio exige continuidade, planejamento e, sobretudo, compreensão de que o tempo é um dos principais aliados nesse caminho.

No fim, investir, para Felipe Fernandes, não deve ser encarado como uma tentativa de obter ganhos rápidos, mas como uma estratégia de longo prazo voltada à construção de estabilidade e liberdade. Mais do que uma decisão financeira, trata-se de uma escolha sobre como se deseja viver o futuro.



Cristiane Barros Leal em evento literário internacional nos Estados Unidos

LIVRO DE CRISTIANE LEAL ESTÁ ENTRE OS MAIS VENDIDOS NA AMAZON

A obra "A Mulher na Arena" é uma reflexão sobre temas como ter coragem para sair da zona de conforto, se reinventar e viver o seu máximo. E não se dirige apenas ao público feminino. A obra é para todos, independente de gênero, idade ou profissão.

O livro de estreia da autora cearense radicada em São Luís Cristiane Barros Leal mescla filosofia, memórias e experiências radicais. Uma obra que provoca e seduz. A estreia dela na literatura não poderia ter sido mais exitosa. Lançado com sucesso em Orlando, nos Estados Unidos, a obra tem

versões bilingües em inglês e português.

O sucesso internacional da obra marca a consolidação de um projeto literário que nasceu em São Luís e está ganhando o mundo, e que já é best-seller na Amazon, estando entre as obras mais vendidas em tão pouco tempo.

O livro agora terá noite de autógrafos em São Luís, no dia 28 de abril, no Sesi Casarão da Indústria, em evento com produção esmerada assinada por Hayane Sauáia (HS Eventos), com muitas surpresas para os convidados.